

Hiperativos: qual a solução?

EQUILIBRE-SE

HIPERATIVOS: QUAL A SOLUÇÃO?

Natália Kleinsorgen

“Ligada na tomada”, “pestinha”, “bicho carpinteiro”. Estes são alguns dos adjetivos constantes na vida de alguém com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). A síndrome é geralmente apresentada em meninos, durante a infância, e costuma acompanhá-los pelo resto da vida. Durante a fase da escola, estes pequenos são facilmente reconhecidos – e indesejados – pela maioria dos professores. Os meninos tendem a ter mais sintomas de hiperatividade e impulsividade que as meninas, mas todos são desatentos. Em geral, eles também costumam apresentar mais problemas de comportamento, como por exemplo, dificuldades com regras e limites. A explicação é da pedagoga do Projeto Passarinho, Mariana Baptista, de 23 anos.

“As crianças que costumam ser vistas e criticadas são as com hiperatividade associada. Há também só as com Distúrbio do Déficit de Atenção (DDA), mas essas passam despercebidas pelos pais e professores, geralmente carregando o fardo de viverem “desligadas”. O TDAH é um transtorno neurobiológico, de causas aparentemente genéticas, que se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade”, explica a profissional.

De acordo com a Associação Brasileira de Déficit de Atenção (ABDA), o que acontece é que uma criança que nasce com TDAH tem

pela professora Isabelle Brasiliense, mãe de um menino hiperativo, reúne diversas áreas em um só lugar: fonoaudióloga, assistente social, neuropediatra, pedagoga, psicóloga e uma administradora tomam conta do lugar, que recebe doações para se manter vivo.

“As mães chegavam aqui desesperadas por ter que procurar um especialista em cada lugar. Ir de ônibus a vários profissionais, toda semana, para buscar tratamento, pode ser muito angustiante, produz desgaste e um rombo no orçamento destas famílias”, conta Renata Macedo, de 38 anos, que administra o projeto.

No início, a gente acha que está errando na educação. Mas não há nada que possamos fazer sozinhas

Maria Genilda, mãe de Jefferson

HEREDITARIEDADE DO TDAH

Quando a mãe de Juan e Gabriel, de nove e quatro anos, descobriu as possibilidades do transtorno ser passado de pais para filhos – os genes parecem ser responsáveis não pelo transtorno em si, mas por uma predisposição -, começou a ficar atenta no quanto tem dificuldade para se focar em uma coisa só. Luana Schneider, de 29 anos, estava cansada de ouvir falarem mal do seu filho mais velho, diagnosticado como TDAH há menos de seis meses.

Hiperativos: qual a solução?

dificuldade de entender o mundo de uma maneira simples, prestando sempre atenção em todos os detalhes. A síndrome, reconhecida oficialmente por vários países e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), acontece em 3 a 5% das crianças no mundo, que se encontram em sala de aula.

Em alguns países, como nos Estados Unidos, os portadores são protegidos pela lei quanto a receberem tratamento diferenciado na escola. Este tipo de medida evitaria que alunos como Jefferson da Silva, de seis anos, fossem mal recebidos em instituições de ensino. A mãe dele, Maria Genilda Pereira, garçõete, teve que bater o pé para que o menino fosse aceito em uma escola da rede pública de ensino situada na Região Oceânica de Niterói.

3 A 5% DAS CRIANÇAS EM TODO MUNDO SÃO IMPULSIVAS E DESATENTAS NO COTIDIANO

“Jefferson já foi convidado a ser retirado de uma escola por ser muito “encrenqueiro” e “sem limites”. Outra escola disse não ter “professores capacitados” para receber este tipo de criança. No início, a gente acha que está errando na educação. Mas não há nada que possamos fazer sozinhas”, analisa a mãe.

“O tratamento deve ser acompanhado de perto por todos os familiares, o núcleo familiar muda depois que se entende a síndrome. Eu mesma comecei a identificar traços do déficit de atenção depois de iniciar os cuidados com o Juan”, diz.

E Luana não está errada. Nos adultos, ocorrem problemas de desatenção para coisas do cotidiano e do trabalho, bem como com a memória, que costuma falhar. São inquietos, só relaxam dormindo, vivem mudando de uma coisa para outra e também são impulsivos. Eles têm dificuldade em avaliar seu próprio comportamento e quanto isto afeta os demais, são frequentemente considerados “egoístas”.

Embora seja mais difícil de ser identificada esta época, a análise do histórico da pessoa pode ajudar a constatar. A psicóloga do projeto, Erika Simone Coelho, de 41 anos, diz que só uma anamnese profunda, com ajuda de depoimentos dos familiares, pode evidenciar, em um adulto, as razões clínicas do paciente viver no “mundo da lua”.

“Na fase adulta, o TDAH é, na verdade, uma continuação da infância. Das 3 a 5% das crianças que possuem a síndrome, 60 a 70% permanecem com ela até depois de crescidos. Este número representa quase 4 milhões de adultos no Brasil, de acordo com a ABDA”, informa.

CAUSAS

De acordo com a ABDA, já existem inúmeros estudos em todo o mundo, inclusive no País, demonstrando que a prevalência do TDAH é semelhante em diferentes regiões, o que indica que o transtorno não é secundário a fatores culturais, ao modo como os pais educam os filhos ou resultado de conflitos psicológicos.

“Muitas mães acreditam que erraram a mão na educação dos filhos e isso nos

Muitas mães acreditam que erraram a mão na educação dos filhos. As famílias chegam aqui já tendo sido

O problema da falta de capacitação também é evidenciado pela pedagoga Mariana, que diz conhecer pouquíssimos profissionais especializados na área. Segundo ela, o Estado precisa se organizar para formar gente capaz de educar a todos.

“É imprescindível que formemos mais professores aptos a lidar com o TDAH. Alguns alunos diagnosticados são forçados a procurar escolas fora da comunidade para poder estudar. Esta situação, além de desconfortável, gera gastos que os pais muitas vezes não podem suprir”, explica Mariana.

A busca por profissionais capacitados não para por aí. Para auxiliar na educação dessas crianças, principalmente as das comunidades do entorno de Piratininga, o Projeto Passarinho, idealizado

Hiperativos: qual a solução?

rotuladas pela sociedade

Mariana Baptista, pedagoga

deixa muito tristes. Geralmente, as famílias chegam aqui já tendo sido muito castigadas, rotuladas e maltratadas pela sociedade e dentro das próprias casas. Por outro lado, há mães que juram que seus filhos são hiperativos e, no entanto, é apenas uma questão de impor limites. Por isso a capacitação de profissionais é tão importante: para não haver falhas no diagnóstico”, alerta a pedagoga Mariana.

Estudos científicos mostram que portadores da síndrome têm alterações na região frontal e as suas conexões com o resto do cérebro. A região frontal orbital é uma das mais desenvolvidas no ser humano em comparação com outras espécies animais e é responsável pela inibição do comportamento. Ou seja, serve para controlar ou inibir comportamentos inadequados, pela capacidade de prestar atenção, memória, autocontrole, organização e planejamento.

O que parece estar alterado nesta região cerebral é o funcionamento de um sistema de substâncias químicas chamadas neurotransmissores, principalmente dopamina e noradrenalina, que passam informação entre os neurônios.

De acordo com o psiquiatra especialista em saúde mental infantil, Gustavo Teixeira, por apresentarem tais dificuldades nas funções executivas é que os portadores perdem na sua capacidade de organização e disciplina.

“Pais e professores desempenham um papel fundamental no tratamento e no manejo dos sintomas. Os transtornos ansiosos e os problemas de aprendizagem estão presentes em até um terço dos portadores de TDAH”, explica o médico, que recentemente lançou o livro “Desatentos e hiperativos: manual para alunos, pais e professores”, pela Editora Best Seller. ■

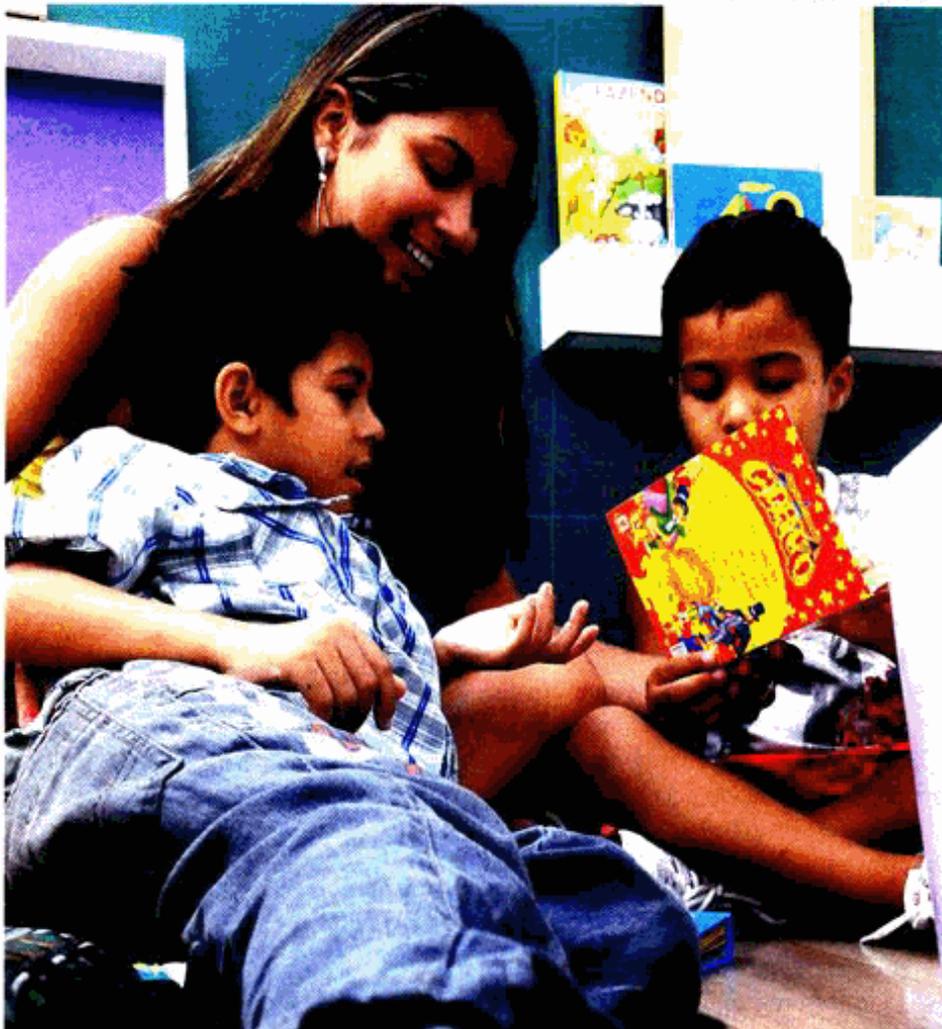
Hiperativos: qual a solução?



O pequeno Jefferson da Silva já foi considerado "encenqueiro" e "sem limites" nas escolas em que estudou

Hiperativos: qual a solução?

Fotos: Marcio Oliveira



Acima, a pedagoga Mariana Baptista lê histórias para as crianças do projeto "Passarinho", onde mães como Maria Genilda Pereira e Luana Schneider podem recorrer a vários especialistas num mesmo lugar